

B E R N A R D O S A N T A R E N O



antónio marinheiro

(O É D I P O D E A L F A M A)

D I V U L G A Ç Ã O - P O R T O

B E R N A R D O S A N T A R E N O

a n t ó n i o marinheiro

(O É D I P O D E A L F A M A)

PEÇA EM 3 ACTOS



D I V U L G A Ç Ã O — P O R T O

PERSONAGENS

<i>Calho</i>	ANTÓNIO MARINHEIRO	20 anos
<i>João</i>	AMÁLIA	36 »
	BERNARDA	60 »
	ROSA	27 »
	RUI	28 »
	A LOUCA	50 »
	ANINHAS	8 »
	ADOLFO	30 »

1. ^a MULHER	1.º HOMEM
2. ^a MULHER	2.º HOMEM
3. ^a MULHER	3.º HOMEM
4. ^a MULHER	

MULHERES E HOMENS DE ALFAMA

LISBOA, ALFAMA

ACTUALIDADE

P R I M E I R O A C T O

CENÁRIO

O compartimento de entrada, em casa pobre de Alfama: um velho guarda-loiça, uma mesa redonda de centro, uma máquina de costura, cadeiras, etc..

Ao fundo, a porta da rua; ainda ao fundo, mas mais à direita, uma janela. À esquerda, uma porta que dá para o quarto de Bernarda (que serve também de cozinha).

À direita, porta para o quarto de Amália. Estas duas portas interiores apresentam, em toda a altura, cortinas de rede ou tecido adequado. Através da janela e da porta da rua, quando abertas, vê-se a frontaria duma taberna típica, além de outros elementos cenográficos definidores do ambiente de Alfama; por cima da entrada da taberna, um candeeiro antigo de iluminação pública, tipo lanterna grande.

No interior da casa de Amália, cavado numa das paredes, um nicho com a imagem de Santo António, em barro; em sítio adequado, um retrado do falecido marido de Amália; sobre a mesa, um candeeiro de petróleo; na pedra do guarda-loiça, um vaso de manjerico, etc..

É o fim duma tarde de inverno: luz froixa. Quando o pano sobe, Amália passa roupa a ferro e Bernarda, sentada perto da janela semiaberta, cose à mão um pano verde. As duas mulheres estão vestidas de preto. Laboram em silêncio; crispada, sombria a expressão dos rostos.

CENA I

BERNARDA (*levanta-se, sempre calada, e vai buscar uma qualquer peça do vestido em que trabalha: esta, como muitas outras, está pendurada num dispositivo feito com o nó aberto duma corda suspensa do tecto; não chega lá.*) Pronto! é escusado avisar-te... Ó mulher, tu não sabes que eu não alcanço aquilo?!... Irra, isto é uma danação! Estou fartinha de te dizer: o que for pra eu coser, quero-o cá em baixo!...

AMÁLIA (*levanta-se, sobe a uma cadeira e tira o pano, entregando-o a Bernarda.*) Tome lá: é isto?

BERNARDA (*examinando a peça.*) Parece que sim... É, é esta! (*explodindo:*) Ó Amália, corta-me essa maldita corda!: Que diabo, já viste alguém usar uma gerigonça dessas, pra pendurar a roupa?! Qualquer dia, caís daí abaixo e partes uma perna... Arranja um cesto, que raio! Sim, pra que serve isso?!...

AMÁLIA (*metendo a cabeça pelo nó aberto da corda: ironia triste.*) Olhe, não vê? Pra me enforcar... (*Desce da cadeira e volta à tarefa anterior.*) Assim, a gente tem a certeza de que não desaparece nada: Lembre-se do que aconteceu, com a manga da-quele vestido da senhora Ercília...

ANINHAS (*na rua, a bater à janela.*) Senhora Bernarda!?... Ó senhora Amália!!?

BERNARDA (*que vai abrir a janela: com enfado, a voz cansada.*) Diz lá, menina...? que queres tu, Aninhas?...

ANINHAS (*mostrando a cabeça, através da janela.*) A minha mãe manda dizer, se tem um bocadinho de açúcar que lhe empreste...?

AMÁLIA (*sem levantar os olhos do trabalho.*) Dê-lhe, mãe...

BERNARDA (*dirigindo-se, pesadamente, para a porta da rua.*) Açúcar, batatas, sal...: é tudo! (*A imitar Amália:*) Dê-lhe, mãe! Dê-lhe, mãe!... Ai, a casa é abonada, não haja dúvida! (*Abre a porta:*) Entra, menina!

CENA II

ANINHAS (*que entrou : beijando Bernarda na face.*) Boa tarde, senhora Bernarda ! (*A mostrar um púcaro de esmalte :*) É só uma pitadinha... prò café do meu irmão...

BERNARDA (*tomando, com rudeza, o púcaro das mãos de Aninhas.*) Ai, descansa... está descansadinha que levas pouco !: essa te garanto eu... (*Sai pela porta da esquerda, resmungona.*)

CENA III

ANINHAS (*para Amália.*) Está zangada, a senhora Bernarda ?!
AMÁLIA (*sorriso triste.*) Isso sim, Aninhas !: é modo dela...

ANINHAS (*nos bicos dos pés.*) Quero dar-lhe um beijo, senhora Amália !...

AMÁLIA (*ternura.*) Pois sim, filha... (*Volta-se para beijar Aninhas : de tal modo, que uma tigela com água quente, que servia para borriçar a roupa, cai sobre as mãos da menina ; esta chora e grita aflitivamente. Horrorizada, a limpar as mãos da criança ao avental :*) Ai, Jesus ! o que eu fiz !!... Meus Deus, meu Deus !... Dói ?... dói-te muito, filha ?... O que eu te fiz... o que eu te fiz !?... (*Beija as mãos de Aninhas.*) Mãe ! Ó Mãe !?... (*Aparece Bernarda, à porta. A chorar :*) Queimeia, mãe !... Olhe, olhe p'r' aqui... Queimei-lhe as mãos !... Jesus, Jesus Senhor !... (*Aninhas continua a gemer.*)

CENA IV

BERNARDA (*assustada.*) Deixa ver, Aninhas... deixa cá ver... (*Observa as mãos da menina :*) Não... não é nada !: A água já não estava muito quente... Ora, isto passa num ar !... vais ver, vais ver... Espera, espera aí um instante : vou buscar azeite... (*sai pela porta da esquerda, voltando logo a seguir com a garrafa do unto.*)

AMÁLIA. Depressa, mãe !: antes que isto empole... (*Bernarda be-sunta as mãos de Aninhas com o azeite.*) Pobre criancinha !...

Veja a minha cabeça, mãe : não sei como fiz isto !... (*Muito nervosa, a bater com as mãos na cabeça :*) Estou doida... doida varrida : só faço mal... só mal !! (*Solução descontrolada.*)

BERNARDA. Pronto, Aninhas... E agora ? Já não te dói tanto, pois não ?... Espera aí... (*Vai buscar dois lenços, com os quais liga as mãos da criança.*) Ó Amália, cala-te, mulher : isto não é nada !?...

CENA V

ROSA (*entra aflita, empurrando a porta da rua : Corre para Aninhas, abraçando-a.*) Ai, Jesus ! Ai, a minha filhinha !... Que foi isto ?!... Vamos prò hispital, vamos já !... Mostra, filha : quero ver, quero ver ! (*Agressiva :*) Quem foi ? Quem foi ?!...

BERNARDA (*severa.*) Não é nada, Rosa. Não grites ! Daqui a pouco, junta-se gente à porta... Não grites, já te disse !! (*Para duas Mulheres que, na rua, espreitam através da porta aberta :*) Eh, criaturinhas ! andando, andando... Ala, ala !... (*Fecha a porta, com estrondo.*) Coscuvilheiras !... (*Irada, para Rosa :*) Acaba com a choramiguice, cala-te !

ROSA. Dói muito, Aninhas ?... dói ?...

ANINHAS (*mimo.*) Dói...

ROSA (*brutal.*) Que raio de gente esta !: Como diabo fizeram isto à criancinha ?! Nunca eu a tivesse cá mandado...

BERNARDA. Pronto, aí vem o coice ! És pobre e mal agradecida, benza-te Deus...

AMÁLIA (*torturada.*) Fui eu, Rosa... fui eu !: Não sei... ia a virar-me... foi sem querer... (*Numa explosão de choro :*) Leva a menina, Rosa ! leva-a daqui !! Estas minhas mãos estão amaldiçoadas : onde elas tocam, é isto que se vê... Sou eu, Rosa ! Sou eu, sou eu !...

BERNARDA (*censura.*) Ó Amália, tu sempre...

AMÁLIA. É verdade, é verdade !: Tudo aquilo em que toco, se estraga... Não deixes vir aqui a menina, Rosa, digo-te eu ! Não deixes...

BERNARDA (*autoridade.*) Sossega, Amália ! Toma tento nessa cabeça...

AMÁLIA. Eu ando a cumprir um fadário, mãe : isto é castigo, é castigo ! As minhas mãos não merecem tocar numa criancinha... Deus não se esquece, não... nunca se esquece ! (*Ansiosa, terna e assustada:*) Guarda bem os teus filhinhos, Rosa ! não os largues, não os percas de vista...

ROSA (*admirada. Aninhas já não chora.*) Ó Amália, mas...? Pronto, não te aflijas, mulher !... Já não te dói pois não, Aninhas?... Isto não há-de ser nada...

BERNARDA (*dando o púcaro a Rosa.*) Pega, leva o açúcar.

ROSA. Obrigadinha, senhora Bernarda !

BERNARDA. É pouco : tem paciência. Mas isto, agora, mudou de figura : Nesta casa, já não há ganho de homem. (*Pausa breve.*) Estamos p'r' aqui duas mulheres... duas pobres mulheres, Rosa !... E, cá p'lo meu lado, já pouco faço... Ai, ai !... A vida, a vida... Dantes, outro galo cantava ! Ora, dantes...

AMÁLIA (*retomando o trabalho : dor viva.*) Dantes, tinha o meu homem vivo.

ROSA (*a querer restituir o açúcar.*) Se faz falta, eu...

BERNARDA. Leva, Rosa. Podes levar.

AMÁLIA (*absorta, suspendendo a tarefa.*) Mataram-mo. Mata-ram-me o meu marido, Rosa...

ROSA (*curiosidade.*) Acabou hoje o julgamento, não foi ?...

AMÁLIA (*desalento, encolhendo os ombros.*) Mataram-mo. Agora, p'r' aqui estou, sòzinha...

BERNARDA. Julgamentos... tribunais... juizes : mentiras, Rosa ! poucas vergonhas !! (*Ódio:*) Soltaram-no ! absolveram o assassino !!! Vê lá tu, vê lá tu !...

ROSA (*estupefacta.*) Não me diga, senhora Bernarda !!?

AMÁLIA. Foi no peito, Rosa : cravou-lhe a faca mesmo no centro do coração... (*Horror:*) Varou-o, de lado a lado ! (*Ódio:*) E anda à solta... aquele malvado, a estas horas, anda por aí livre: ri-se da gente, goza, come e bebe !... (*Mágoa infinita:*) Atravessou-o de lado a lado, Rosa !... Num segundo, acabou com ele num relâmpago : o tempo de a gente levantar os olhos pra Deus... não mais ! (*Apontando para fora:*) Ali... ali, naquela maldita taberna !! A vida dum homem, é como a dum pássaro: um ai a leva !...

BERNARDA. Absolvido, Rosa !!: Isto brada aos céus... Ai, mas Deus não dorme!...

AMÁLIA (*com outro sentido, que não o de Bernarda. Dolorosamente.*) É verdade, minha mãe: Deus não dorme! Vê tudo, nunca se esquece...

ROSA. Dizem que ele, o assassino, é muito novo... um rapazelho ainda!...

BERNARDA. Qual, Rosa !!? É um homem feito: tem vinte anos! (*Com rancor:*) E uma alma mais negra do que este pano... (*mostra o tecido da saia.*)

ROSA. Mas dizem que foi o seu genro, quem o feriu primeiro...?

BERNARDA (*rancor, sempre.*) Dizem...

ROSA. Que o outro viu-se obrigado a matar o teu homem, Amália, pra salvar a vida!?... É o que dizem...

BERNARDA. Foi; foi isso que todas as testemunhas disseram, hoje, naquele tribunal: E eles absolveram-no, está visto! (*Desdém desesperado:*) Ai, juizes, advogados...! (*Fúria:*) Mentiram! mentiram todos!!... O marido da minha Amália era um homem bom, um homem de paz, manso como o perdão de Deus... Mentiram!! (*Mágoa agressiva:*) Então tu já não te lembras do meu genro, Rosa?!...

ROSA (*a medo.*) Parece que estava bêbado, senhora Bernarda...?

AMÁLIA (*cansaço extremo.*) Mataram-mo. Mataram-mo, Rosa! O resto... Há três meses, que eu não o tenho!... Quero lá saber desses falatórios! Isso não me importa, Rosa... Só sei que o meu homem está morto... ai, mais morto que esta mesa! Ora, o resto...

ROSA (*encorajada.*) O meu irmão Chico também estava ali na taberna, quando foi a desordem: Viu tudo! Foi o teu defunto marido que implicou com ele: chamou-lhe os piores nomes, provocou-o e, sem mais aquelas, puxou da navalha e deu-lhe um golpe no braço...! O outro, é claro, viu-se ferido, alagado em sangue, e... Olha, Amália, desgraças, desgraças que vêm ter com a gente! Tinha que ser, estava escrito...

BERNARDA. Tivesse eu marido ou filho vivos e tu havias de ver, Rosa, se esse malvado pagava ou não! Assim... Ai, tribunais, justiças...! E depois, viram-no com aquela carinha de anjo...

Ó Amália, tu reparaste bem nele, no correr do julgamento? Só queria que visses, Rosa!: Sério, triste, os olhos claros como água... olha, parecia um santinho de altar! (*Feroz:*) Enganou-os! intrujou-os a todos!! A estas horas, anda por aí a rir-se deles, da gente... Maldito! Assassino!!

ROSA. Dizem que é muito bonito!?

BERNARDA. Bonito, aquele demónio?! (*Levantando as mãos ao alto:*) Jesus! isto brada aos céus!! (*Para Rosa, agressiva:*) Feio, medonho... mais feio que a peste, mais nojento que a cankra negra!... Ai, bonito!?

ROSA. Pois olhe, senhora Bernarda, que não é essa a opinião das raparigas que o viram lá no tribunal: Uma estampa! um cravo de cheiro!... Credo, o que elas p'r' aí apregoam! Se eu te disser, Amália, que há quem tenha ido ao julgamento, só prò ver!!...

BERNARDA. Maldito seja ele, mais a cadela tindhosa que o pariu!!!

ROSA (*para Bernarda.*) Isso, é a raiva que você lhe tem: não a deixa ver direito... Inda no domingo eu ouvi a Rosa Maria, lá em baixo na Ribeira... Jesus! o estendal que ela fez: até se juntou gente!: Que não, que o rapaz era bom, que bastava olhar prà cara dele pra se ver que estava inocente, que tinha os olhos mais lavadinhos que a pescaria do alto, que... eu sei lá, parecia tonta!

BERNARDA. Grandessíssima cabra!! Eu... eu é que devia ouvir esse sermão!...

ROSA. Que ele matou o seu genro em defesa, sem querer... que a um rapaz assim, entregaria sem medo as chaves da sua própria casa... (*Riso brejeiro:*) Ai, o que eu me fartei de rir!: Nesta altura, apareceu o marido, o Zé Martinho, que lhe deu uma destas estaladas no nariz!... Então é que foi ouvi-la, senhora Bernarda! Com o sangue a correr p'los queixos, o que aquela alminha p'r' ali gritou!: Que o outro, o assassino, era um sol; que valia mais um único dos seus cabelos, que o homem dela inteiro; que antes queria viver com ele uma hora, do que a vida toda com o marido... Pumba! ainda não tinha acabado de dizer isto, e já o Zé Martinho lhe arriara outra punhada, que a deitou ao chão!!... Pois julgas que ela se calou, Amália?

Pôs-se a espernear como doida na calçada, e só dizia, com quantos bofes tinha: É lindo! Está inocente! É lindo, é lindo!!... Olha, uma vergonha. (*Pausa breve; curiosa, inquieta, sensual:*) Ele é realmente assim, tão bonito, Amália?...

AMÁLIA (*dorida.*) Eu nunca o vi: Nunca fui capaz de olhar para ele.

ROSA. Desgraças, Amália, desgraças!... Anda, Aninhas! (*esta, durante as falas anteriores, esteve sempre num canto, entretida com um qualquer brinquedo.*) Vamos, vamos lá... Tenho o meu miúdo com anginas: queria ver se o pequeno bebia uma pinga de café. Por causa dele, não pude ir hoje trabalhar... (*Mudança rápida:*) Ó senhora Bernarda, afinal donde é o rapaz? Aqui, de Alfama, não consta que seja: p'lo menos, ninguém o conhece por cá. A família dele, é claro, foi ao julgamento?...

BERNARDA. Ora! ninguém, nem viv'alma, lá pôs os pés: Aquilo é ortiga ruim, filho de galdéria e de vadio!... Dizem que tem andado sempre embarcado, ao Deus dará, p'las sete partidas do mundo... Assim sempre, desde pequeno.

ROSA. Isso! foi isso que eu li no jornal. Chama-se — como é?... — Marinheiro... António Marinheiro...?! Se calhar, é alcunha... (*Mudança; dando o açúcar a Aninhas e empurrando-a para a rua:*) Vai, filha! Vai prà beira do menino, que eu não me demoro nada... (*Sai Aninhas. À porta, a falar para fora:*) Não te tires de ao pé dele!... (*Entra de novo, cerrando a porta.*)

CENA VI

BERNARDA (*encolhendo os ombros.*) Sei lá... Ó Amália?! (*esta, absorta, não responde.*) Amália?!!

AMÁLIA. Diga...

BERNARDA. Tu reparaste no outro?...

AMÁLIA (*fadiga.*) Qual outro, mãe?...

BERNARDA. O da camisola azul, aquele do boné de marujo!?...

Ó mulher, não o viste?! Pois olha que esse estava sempre lá caído: não faltou a uma audiência!... (*Amália encolhe os ombros.*) Parece que são os dois do mesmo navio. A conversa

aqui da Rosa fez-me pensar : e se eles fossem irmãos ?... Unh, não me cheira : não têm a mesma pinta... (*Ouve-se, na taberna, uma guitarra.*)

AMÁLIA (*enervada.*) Pronto, mãe, acabou-se ! Vai, Rosa, vai-te embora : olha o teu pequeno !... Não quero que me falem mais nesse homem... (*gesto de Bernarda:*) Não quero, já disse !... (*Indicando, com um sinal da cabeça, a taberna:*) E aqueles sempre naquilo: Maldita guitarra! malditos homens !... (*Desequilibrada, a chorar:*) Maldita taberna !!!

ROSA (*A escutar a guitarra : terna, alvoroçada.*) É capaz de ser o meu Adolfo : Toca tão bem, não toca ?!... Ai, deixa-me lá ir... Obrigadinha pelo açúcar ! (*A porta:*) É ele é...

AMÁLIA. Um raio ! não vir um raio do céu que as queimasse a todas !!: As tabernas são lugares de morte, Rosa. Tira o teu rapaz dali, vai buscá-lo, não o deixes lá ficar : se não um dia vêm dizer-te que... Ai, matam-to, fica sabendo !...

ROSA (*embevecida a ouvir o fado que Adolfo toca na guitarra.*) Que bem que ele toca, Amália !...

AMÁLIA (*transida, a tremer, levantando-se.*) Um dia, quando estiveres descansadinha da tua vida, no melhor do sono, quando mal o esperes, Rosa ! entram-te pela casa dentro umas alvissareiras, mais negras que a noite, a gritar... Cada grito ! ai, cada grito mais medonho !: «Corre ! corre que o teu homem esgota-se em sangue!!»... E tu... depois... quando, com o coração desfeito em fezes, lá chegas... achas-te com um morto nos braços !!! Malditas tabernas ! São lugares do demónio, Rosa !: (*Uns passos, torturada:*) Mudam um homem bom, um não te rales de mansidão, um fio de prumo de honradez — como era o meu ! — num malvado, pior que as feras...

BERNARDA (*lúgubre.*) É o vinho...

AMÁLIA (*violenta.*) É o diabo, mãe !! (*Silêncio breve.*) A primeira vez que eu fui dar com o meu homem ali...

BERNARDA (*nervosa, interrompendo.*) Estava bêbado...

AMÁLIA. Sim, estava bêbado : Olhou pra mim cheio de raiva...

BERNARDA. Lá vens tu com isso... Estou farta ! Ele está morto : cala-te !!

AMÁLIA (*violência gelada.*) Com raiva, mãe !: com os olhos en-

charcados em sangue, os dentes arreganhados, a babar-se todo...
(*Horror:*) Era um lobo, Rosa !!... E bateu-me... malhou-me à doida, com quanta gana tinha, com... ai, com ódio !!! (*Silêncio transido:*) Não, não era ele... era outro... um estranho !... (*Silêncio.*) Depois disto, eu nunca mais pude ser a mesma mulher pra ele : Percebi que... que uma parte do meu homem me tinha raiva !...

BERNARDA. Era o vinho...

AMÁLIA (*cansaço.*) Era a verdade. O vinho só trazia ao de cima este ódio arrecadado...

ROSA (*que tem estado hesitante entre o prazer de ouvir a guitarra e a impressão causada pelas falas de Amália ; com medo.*) Credo, Amália, quem te ouvir...!?

AMÁLIA (*estranheza, mistério, despeito.*) Nunca o vi tão moço... nunca o ouvi rir com tanto gosto, como ali, naquela taberna, quando se juntava com os outros : parecia um rapaz, novo... novo !... Porquê ?... porquê ?!! (*Ironia desalentada:*) O melhor e o pior do meu homem, não o conhecia eu... (*A indicar a taberna:*) Ali ! ali é que ele se mostrava todo... (*Mais forte a guitarra : nervosa, a tapar os ouvidos com ambas as mãos:*) Quero sair de Alfama ! hei-de ver-me livre desta rua, desta casa !...

BERNARDA. São homens, filha, são homens...

ROSA. São assim, são todos o mesmo...

AMÁLIA. A gente pensa que... mas não, Rosa !: as mulheres não bastam aos homens. Tenho a certeza ! agora, tenho a certeza : eles querem outra coisa, que a gente não pode dar-lhes... que a gente não tem !?...

ROSA (*quase brejeira.*) Essa agora ?!...

AMÁLIA (*força obsessiva.*) É ali ! na taberna, na companhia uns dos outros, que eles encontram isso !!!

ROSA (*estranheza, troça.*) Isso... o quê ?!

AMÁLIA (*torturada, fixando profundamente os olhos de Rosa.*) Não sei... Não sei...? (*Crescente violência crispada:*) Mas eu nunca tinha visto o meu tão novo, nunca o tinha ouvido rir assim, daquele jeito... O melhor do meu homem não era pra mim !!...



TIPOGRAFIA DO CARVALHIDO
PORTO